

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
DCSO - Departamento de Comunicação Social
FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Curso de Jornalismo

Grande Reportagem

O sonho do musical no interior de São Paulo: Cats adaptado para São José do Rio Preto.

Ana Beatrice Ribeiro Lesur

Projeto Experimental apresentado
em cumprimento parcial às exigências do Curso de
Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação, do Departamento de Comunicação Social,
da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Julio de
Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social - Jornalismo.
Orientador(a) do Projeto Experimental:
Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

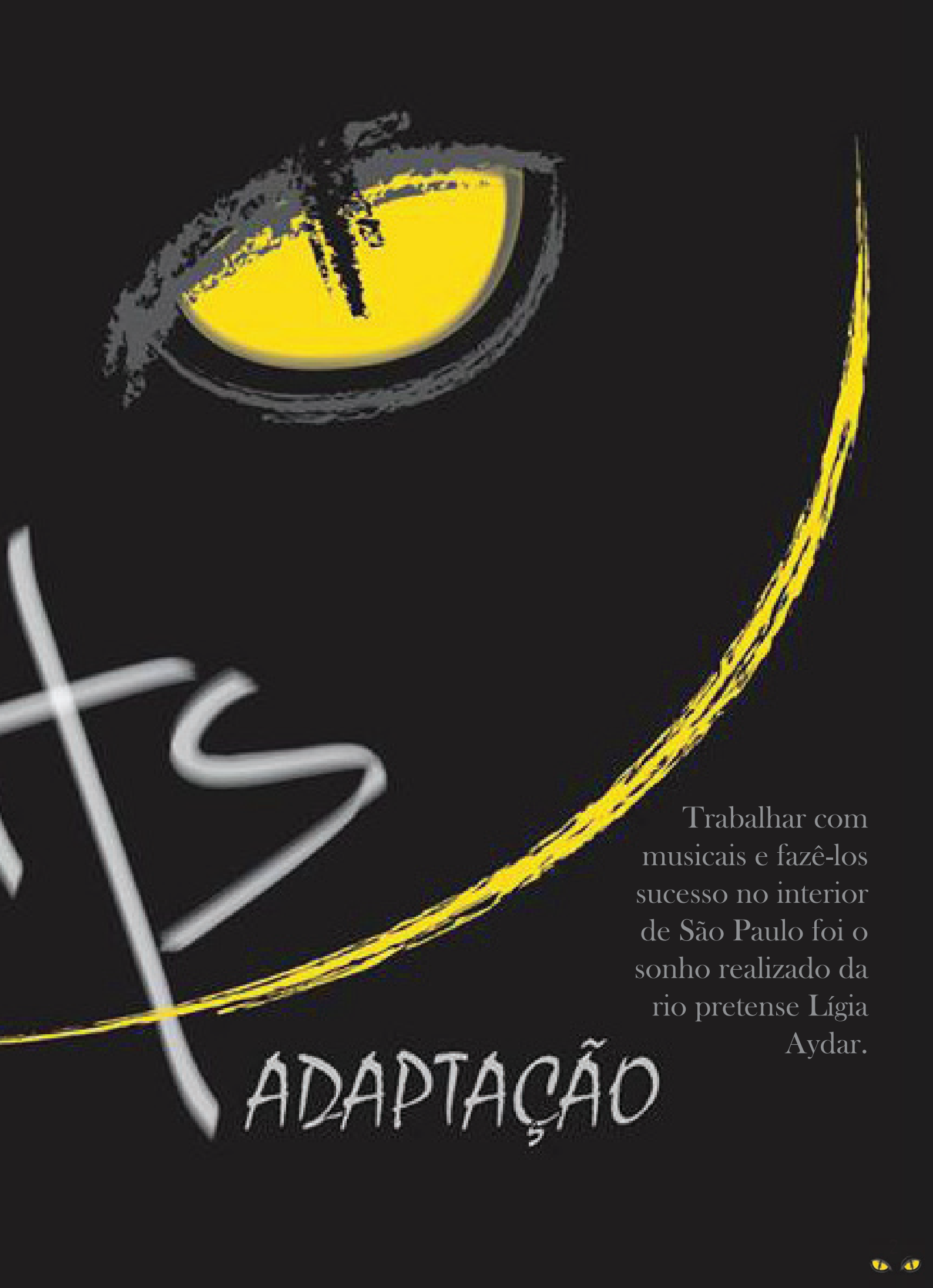


O sonho do musical no interior de São Paulo: Cats adaptado para São José do Rio Preto

CATS

www.catsbrasil.com.br





Trabalhar com
musicais e fazê-los
sucesso no interior
de São Paulo foi o
sonho realizado da
rio pretense Lígia
Aydar.

ADAPTAÇÃO



É difícil acreditar que sonhos podem se tornar realidade, de fato alguns são um pouco inatingíveis, como voar ou estar em dois lugares ao mesmo tempo. Mas outros, com muito esforço, muita dedicação, podem acontecer na vida real. A história aqui narrada é um exemplo desses sonhos realizáveis, que pode servir de inspiração àqueles que querem que a arte faça parte da sua vida e de sua rotina.

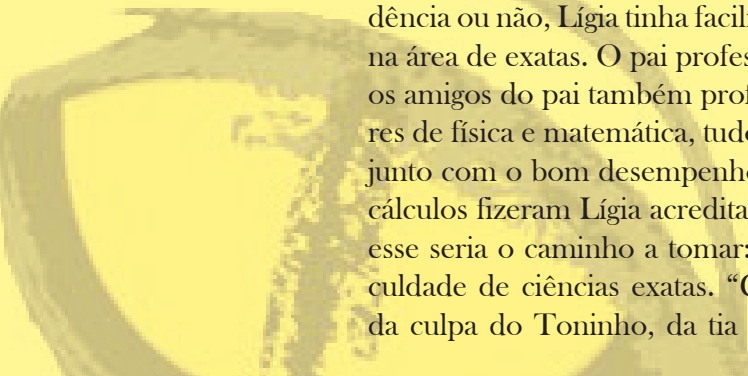
Lígia Rodrigues Aydar, 25, rio pretese apaixonada por musicais. Nascida em São José do Rio Preto, ainda menininha, com 6 anos, já gostava de fazer arte. A arte esperada de uma criança é bagunça e muita dor de cabeça para os pais, no caso Emília e Antônio Aydar, o “Toninho”. Mas, a arte de Lígia consistia na leitura de livros posteriormente transformados em peças de teatro, nas colônias de férias do condomínio onde morava. Ela ensaiava, coreografava e mandava os “mais velhos” fazerem as coisas: “você faz isso, você faz aquilo...”, e assim, saíam as encurtadas peças de férias da pequena Lígia.

A menininha cresceu. Aos 14 anos, já dedicada sistematicamente à dança, coreografava, agora sim de verdade, para as apresentações promovidas pela professora de ballet Cristiane Amaral. “Acho que a minha professora confiou no meu trabalho e comecei a coreografar”, conta Lígia. Entre a vontade de transformar livros em peças teatrais e coreografar peças de ballet despertou nessa jovem, aos 15 anos, o interesse pelos musicais. Assim, Indaiatuba surgiu no caminho dessa jovem, lugar onde realizou um curso específico para musicais com a bailarina e atriz Fernanda Chama. A paixão foi certa e a vontade de viver daquilo crescia dentro daquela moça e a oportunidade não demorou em aparecer. Recebeu o con-

“Eles ficavam dizendo que eu deveria fazer algo em exatas, então, foi o que eu fiz!”

vite, na mesma época, para fazer parte da Cia de dança da Fernanda Chama, em São Paulo. “Meus pais não deixaram, lógico, porque eu estava estudando”, explica.

Como a maioria dos adolescentes, Lígia realizava seus estudos num colégio de Rio Preto. Para seus pais os estudos sempre foram prioridade e, dessa maneira, chegou para ao terceiro colegial, momento da decisão e de escolha em relação a carreira a ser seguida. O pai Toninho era professor de física do colégio, e coincidência ou não, Lígia tinha facilidade na área de exatas. O pai professor e os amigos do pai também professores de física e matemática, tudo isso junto com o bom desempenho nos cálculos fizeram Lígia acreditar que esse seria o caminho a tomar: a faculdade de ciências exatas. “Culpa da culpa do Toninho, da tia Dora



(física), da Eliete (matemática)...Eles ficavam dizendo que eu deveria fazer algo em exatas, então, foi o que eu fiz!”, lembra nossa personagem. Assim, Lígia ingressou em Física na USP, e com 17 anos foi morar em São Paulo. E a dança nessa história toda? Não ficou de lado não! Lá na metrópole paulistana ela finalmente conseguiu materializar o convite de estudar na Companhia de dança da Fernanda Chama.

A faculdade de Física e algumas horas de almoço ficavam para trás na hora de conciliar estudos com ensaios e cursos de dança e musicais. Além da Fernanda Chama, a escola de musicais do Wolf Maia também compunha a agenda de Lígia para estudar o que ela realmente gostava, e ainda gosta, de fazer. As aulas no Wolf Maia aconteciam na hora do almoço, justamente no intervalo que Lígia tinha para “descansar” das ciências exatas. “Eu, lógico, que matava a faculdade para poder ir às aulas de dança...Era impossível fazer os dois”. Mas, o processo de transição das exatas para a arte propriamente dita foi longo. Com a impossibilidade de relacionar o curso de física com a dança, o abandono da faculdade foi inevitável, e como menor de idade, a mãe, Emília, a levou de volta para Rio Preto. “Eu falei para ela: ‘ou você faz uma faculdade relacionada ao teatro e dança ou você assume a Física, porque não dá para ficar com o pé em dois lugares completamente diferentes. Fica

corrido, complicado””, conta Emília.

Antes do retorno aos estudos para o vestibular e uma nova faculdade, Lígia passou alguns meses na Europa com Emília. Lá se encantou ainda mais pela arte, teatro, musicais, e tudo o mais que é possível ver em terras europeias relacionado às grandes obras teatrais. “Na época em que ela desistiu da faculdade eu estava preparando minha documentação para tirar a cidadania italiana. Eu iria para a Europa buscar a minha e traria a do meu filho Fábio e da Lígia para o Brasil trazer para o Brasil. Mas, com a demora por causa da burocracia com papéis, a Lígia completou 18 anos e eu não podia mais trazer pra ela, ela precisaria ir comigo. E era o que ela mais queria, ficar na Europa por 4 meses”, relembra Emília.

Emília e Toninho até hoje acreditam na necessidade e importância de um diploma, e por isso, Lígia decidiu cursar uma faculdade, independente de estar relacionada, ou não, com sua vocação. No cursinho pré-vestibular, Lígia chegou a pensar em medicina, mas ficaria tão longe da dança quanto com a física. “Eu tinha que fazer uma faculdade, e eu não sabia o que fazer, porque eu sabia que eu queria dançar e trabalhar em musicais...”. No Brasil as faculdades de dança e teatro têm um enfoque diferente dos musicais que Lígia tanto queria. A faculdade de dança privilegia as manifestações artísticas relacionado com o contemporâneo e a de artes cênicas enfoca no teatro abstrato. Nada se aproxima dos grandes musicais. “Eu sabia que era musical, então eu ficava muito perdida. Foi quando eu vi essa faculdade de têxtil e moda, na Anhembi Morumbi, que tem um

“ Eu tinha que fazer uma faculdade, e eu não sabia o que fazer, porque eu sabia que eu queria dançar e trabalhar em musicais...”





pouco de exatas por causa da parte industrial e também trabalha com a moda artística”. Nessa faculdade Lúgia se encontrou. Além do conhecimento adquirido conseguiu um intercâmbio para Portugal, na faculdade de Belas Artes, onde o enfoque dado era para figurinos, cenografia, tapeçaria, tudo o que ela poderia utilizar na produção de figurino dos musicais. “De moda mesmo, não fiz nada”. Mesmo envolvida com as ques-

tões de qual faculdade fazer, onde estudar, Lúgia nunca parou com os cursos de dança, teatro e musicais. Além das escolas de Fernanda Chama e Wolf Maia para musicais, participou de um festival em Joinville, fez curso específico sobre o Cats, em São Paulo, em 2009. Mesmo assim, no Brasil inexistia uma escola específica para musicais. Os cursos que tem ou são mais amplos, ou quando vão trabalhar com determinado musical, ensinam como vai ser especificamente tal peça. Em São Paulo é possível encontrar escolas um pouco mais focadas, como as que Lúgia estudou, mas ainda assim são muito abrangentes e não se preocupam em abordar as técnicas específicas. “Ainda falta muito para chegarmos no nível norte-americano de escolas para musicais”. Entretanto, a carência de escolas com o perfil desejado por Lúgia não foi barreira para a nossa personagem, estudasse e buscasse conhecer as técnicas e os conhecimentos existentes uma vez que seus planos para o futuro consistiam em montar sua própria Companhia.

Lúgia seguiu seus estudos em moda, conciliando com a arte de dançar, interpretar e cantar. Em

2009 teve a primeira iniciativa de montar um espetáculo de musicais em São José do Rio Preto. Ainda sem uma Companhia própria, Lúgia decidiu realizar uma parceria com a escola de música “Belas Artes”, de Rio Preto e com alunos da academia em que ela dançava. O resultado dessa cooperação originou o “Sweet Broadway”. A apresentação aconteceu no Teatro Municipal Humberto Sinibaldi, em Rio Preto, e fazia parte do roteiro os musicais: Chicago, Cats, Hair, Evita, O Rei Leão, Moulin Rouge, Mama Mia, Cabaret, Flashdance e Fame. O elenco contou com 100 pessoas e os preparativos foram corridos, com ensaios apenas de final de semana, já que nessa época as semanas de Lúgia eram dedicadas à faculdade de moda. Os figurinos acabaram sendo montados e improvisados sem muito rigor de detalhes. “Hoje eu odeio, penso como que eu fiz isso, mas para a época foi um sucesso, porque não tinha nada parecido de musical, em Rio Preto, então foi bem interessante”.

Como projeto futuro pessoal, já com sua própria companhia montada, Lúgia quer abrir uma escola de musicais em São José do Rio Preto. Uma escola de fácil acesso



a todos. Para ingressar, os interessados terão que passar por uma avaliação de ritmo e canto. “A ideia não é restringir, mas eu não vou poder aceitar todo mundo, por isso preciso de critério de seleção”, explica Lígia. Mesmo com esse critério de seleção, Lígia afirma que não busca pessoas prontas para sua escola. A ideia mesmo é aprender e ensinar. O público para este projeto é tanto adulto quanto infantil, “as crianças começam desde cedo, crescem com isso e com certa idade já podem ingressar na Cia ao Cubo”.

CIA AO CUBO

O surgimento da Companhia ao Cubo veio três anos depois do espetáculo Sweet Broadway de 2009. “Eu costumo dizer que foi muito sem querer”, diz Lígia. Mas, antes do surgimento do sucesso de Lígia, aconteceu uma história de nem tanto sucesso assim, na verdade, nenhum sucesso. Lígia retornou de Portugal e recebeu uma proposta em São José do Rio Preto, para trabalhar em uma ONG, que seria uma Companhia de teatro. Ela iria dirigir a Cia e fazer a parte de produção artística. Seriam 16 bailarinos registrados, todos à disposição de Lígia, com tempo exclusivo para ensaios e trabalhos. A tal Cia também contaria com uma coreógrafa, a Carolina Campos, que aprofundaria as técnicas da dança, enquanto a Lígia se focaria nas aulas de musical. O processo inicial de “montagem” da Cia correu tudo bem, os documentos necessários foram

mandados, currículos analisados, muitos saíram de empregos para trabalhar na Cia. O tempo ia passando e a ONG não contratava ninguém, as pessoas que estavam contando com aquela certeza de emprego, começaram a se frustrar com o projeto. “Começou a enrolar, enrolar, deu um mês eu caí fora. Deu três meses a galera se desesperou, todo mundo saiu, porque era tudo mentira. Era uma mulher louca, que sei lá por que fez isso. Muita gente perdeu o emprego e foi bem tenso”.

Mesmo com toda a frustração, Lígia decidiu continuar. O primeiro passo foi conversar com a coreógrafa, Carol Campos, e ver se o interesse em tocar o projeto era mútuo, e era! Carol cedeu um espaço em sua escola de dança para aulas e ensaios. Porém com o tempo, foi difícil conciliar o espaço cedido com as aulas da própria academia de dança e com a falta de

tempo de Carol para coreografar. Sem um lugar para ensaios, com horários apertados, o projeto não poderia ser levado adiante. Mas ainda assim, Lígia insistiu e decidiu buscar um espaço na Casa de Cultura de São José do Rio Preto, e lá se fixou e avisou para quem quisesse continuar, que fossem com ela. “Foram três pessoas. Depois começaram a aparecer pessoas muito interessadas, que ouviram falar que eu estava montando um musical, cada um com um perfil interessante para o Cats. Assim, formamos um grupo e foi muito legal”.

A Companhia ao Cubo tem esse nome pelo grupo ter como base de formação o canto, a dança e o teatro, as três peças fundamentais para a composição de um musical. Começou de repente e “muito sem querer”, mas deu certo. Fez surgir cada vez mais pessoas interessadas em trabalhar com os



musicais e mostrar para o público do interior afinal o que é um musical. Geralmente o que a maioria das pessoas que não tem conhecimento algum sobre um “espetáculo musical” de imediato pensa em um show, com alguma banda ou cantor sozinho. Claro que muitos desses shows se fazem com grandes espetáculos, mas o termo “musical” ou “teatro musical” se refere às grandes peças com diálogos em sua maioria cantados ou com a história narrada em formato musical.

O “funcionamento” da Companhia é baseado na divisão dos responsáveis por cada função. Tem aquela que é responsável pela dança e limpeza de coreografia, para os leigos, fazer os acertos da coreografia, a Ana Lígia. Tem outro, o Bruno Cavalcante, que dá aulas de teatro e workshops de maquiagem artística, falaremos dela mais tarde. As aulas de canto ficaram sob responsabilidade de Thiago Vechiato e Mayara Mar-

tinelli, professores de canto em projetos paralelos. A parte burocrática da Companhia, parcerias com prefeituras e colégios, fica por conta tanto da Lígia e de sua mãe Emília, quanto de Maitane Matias, que também ajuda na parte de áudio, passagem e acertos finais de som. A portuguesa Lídia Bento está responsável pelo projeto gráfico, arte do logo, banner, cartazes e também ajuda na montagem de cenário e dá uma mãozinha na produção do figurino do Cats, do qual ainda falaremos mais pra frente.

A montagem de uma Companhia de Teatro oficial não está longe da burocracia brasileira. Existem duas opções para “oficializar” a Companhia: pode ser aberta uma empresa ou uma ONG. Para abrir uma empresa, é preciso ter um lugar fixo, um endereço. No caso da Cia ao Cubo, os ensaios são na Casa de Cultura de Rio Preto, um lugar público e que não pode ser usado como endereço particu-

“Sobre a criação da Cia ao Cubo, eu costumo dizer que foi muito sem querer.”

lar da companhia, sendo assim, a melhor opção é a abertura da ONG. “O interessante era abrir uma ONG mesmo. Porque, no começo, a maioria dos trabalhos eram voluntários, os professores eram voluntários até o Shopping Cidade Norte nos patrocinar”, explica Lígia. Mas seja como ONG ou empresa, Lígia precisa completar dois anos de Companhia e comprovar dois anos de material produzido por eles, para conseguir conquistar as leis de incentivo à arte: a Pro Ac e a Rouanet. Além de conquistar as leis de incentivo, esses dois anos de material com-

LEI ROUANET

A Lei Rouanet (Lei nº 8.313, de 1991) instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC), que canaliza recursos para o desenvolvimento do setor cultural, com as finalidades de: estimular a produção, a distribuição e o acesso aos produtos culturais (CDs, DVDs, espetáculos musicais, teatrais, de dança, filmes, exposições, livros nas áreas de Ciências Humanas e Artes, jornais, revistas, cursos e oficinas culturais, etc); proteger e conservar o patrimônio histórico e artístico; estimular a difusão da cultura brasileira e a diversidade regional e étnico-cultural. O PRONAC funciona por meio de mecanismos de apoio como o Fundo Nacional de Cultura (FNC), Fundos de Investimento Cultural e Artístico (Ficart), Secretaria de Incentivo e Fomento à Cultura (Sefic), Secretaria do Audiovisual (SAV), entre outros listados no site do Ministério da Cultura.

PRO AC

O Programa de Ação Cultural, Pro Ac, foi instituído pela Lei nº 12.268 de 20/02/06 e tem como objetivos apoiar e patrocinar a renovação, o intercâmbio, a divulgação e a produção artística e cultural no Estado, preservar e difundir o patrimônio cultural material e imaterial do Estado, apoiar pesquisas e projetos de formação cultural, bem como a diversidade cultural e apoiar e patrocinar a preservação e a expansão dos espaços de circulação da produção cultural. O Pro Ac é dividido em duas formas de apoio. A primeira é por meio de seleção pública de projetos cuja premiação é proveniente de recursos orçamentários da Secretaria de Estado da Cultura. A segunda é por meio de Incentivo Fiscal (ICMS), ou seja, os patrocínios de contribuintes do ICMS a projetos previamente aprovados pela Secretaria de Estado da Cultura.

provado também proporcionam à Cia a abertura aos projetos de arte da cidade. Lígia ainda não sabe ao certo como vai ser a “oficialização” da Cia ao Cubo, empresa ou ONG. “Eu ainda estou vendo qual é o melhor caminho. O mais importante é conseguirmos pegar a Pro Ac e a Rouanet. Essas leis compensam e ajudam bastante.

Remuneração dos artistas

Uma pergunta que pode atormentar a cabeça de muitos leitores é: “quanto ganha um artista de companhia de musicais?”, “Eles têm salário fixo? Podem se manter com o que ganham?”. Bom, as respostas podem ser variadas, tem companhia que paga salário fixo, tem companhia que é por cachê, tem artista que vive somente

da companhia, tem artista com empregos paralelos. No caso da Cia ao Cubo, a remuneração é por cachê. Lígia explica que a ideia é ter um salário fixo para cada artista da companhia, a fim de poder cobrar exclusividade deles para execução de trabalhos que surgem.

O que os impedem de ter uma remuneração fixa é a falta de patrocínios ou incentivo do governo que proporcione uma quantidade específica de verba todo mês. “Como é por cachê, a nossa ideia é valorizar o profissional, pela dedicação de cada um à companhia e proporcionar um bom retorno financeiro. Então, fazemos um cachê mais alto do que a média do mercado”, explica Lígia. A média de custo para cada artista da Cia ao Cubo é de R\$300, por dia de trabalho, tanto em apresentação dos musicais como em trabalhos paralelos e eventos. Esse valor não inclui a produção, alimentação e transporte do grupo. Lígia afirma: “não é um grupo barato, só que os profissionais que estão na companhia, estão lá sempre dispostos a trabalhar e todo mundo vai estar bem com aquele trabalho sem procurar outro emprego ou projeto”.

Os trabalhos da Cia ao Cubo

A companhia de Lígia Aydar começou com o intuito de fazer o musical Cats, ao qual daremos maior ênfase logo mais no decorrer de nossa história. Mas o período de produção do musical foi longo e a Cia precisou e ainda precisa executar projetos paralelos.

Os trabalhos vão de festas de crianças, formaturas e outros tipos de festa até participação especial em eventos e shows de São José do Rio Preto, como dançarinos, cantores e interpretações. “A gente faz de tudo. A gente tem bastante festa infantil, das Monster High, Princesas da Disney, agora está aparecendo bastante coisa”. Além desses trabalhos, a Cia ao Cubo conseguiu um patrocínio com o Shopping Cidade Norte, de São José do Rio Preto. Lá eles fazem apresentações temáticas, como o próprio Cats e o Natal.

Por causa das apresentações temáticas em eventos e festas, geralmente infantis, muitas pessoas os consideram animadores de festa que cobram um valor muito elevado pelo dia de trabalho. Mas Lígia explica que depois das apresentações do Cats as coisas mudaram: “a maioria das pessoas assistiram ao Cats, gostaram e agora falam ‘não, está certo, não é grupo de animador, é um trabalho diferente’, isso acabou nos ajudando muito até agora”.

“O mais importante é conseguirmos pegar a Pro Ac e a Rouanet. Essas leis compensam e ajudam bastante.”

As Princesas da Disney e da Cia ao Cubo, da esquerda para direita, Bela, Cinderella, Branca de Neve e Ariel, atrações especiais de um aniversário.



Os Musicais

Trabalhos paralelos à parte, o real motivo do surgimento da Cia ao Cubo foi a paixão de Lígia pelos musicais e a vontade de levá-los ao interior de São Paulo, onde a cultura do teatro musicado é pouco explorada. Para começo de conversa, o que são os musicais? Esse estilo de teatro têm origens europeias e norte-americanas, principalmente. O teatro musical americano, por exemplo, ao longo de seu surgimento, apresenta forte influência dos musicais europeus, mais precisamente as óperas cômicas, óperas bufas francesas e inglesas e as operetas austríacas e alemãs. Explicando o termo “ao longo de seu surgimento” citado acima, na história do musical americano, são consideradas inúmeras datas como “nascimento” deste estilo teatral. Desde o ano de 1735 até 1894, novos meios de fazer teatro musicado compõem o que se diz o nascimento dos musicais norte-americanos. São tantas datas, que não se sabe ao certo qual considerar o verdadeiro nascimento dos teatros musicados, mas segundo o livro “A história do musical americano”, de David Ewen, se for preciso escolher uma data, que seja o dia 20 de novembro de 1894, data de estreia do espetáculo “Prince Ananias”, do bem-sucedido compositor americano Victor Herbert. A peça é



Victor Herbert, compositor americano autor da peça Prince Ananias, 1894, marco para o teatro musicado.



O Burlesco e a técnica Fosse de Cabaret foram estilos marcantes para os musicais da Broadway

uma composição e mescla de influências das óperas cômicas, operetas europeias e demais estilos do teatro musicado.

O teatro musical que temos hoje é assim como “Prince Ananias” uma mescla de todos os surgimentos e desaparecimentos de estilos ao longo dos anos. O burlesco era uma espécie de comédia com paródias e sátiras, humor rude e caricato. Existia, também, o espetáculo trovadoresco americano, com características da cultura negra, canções e danças. As óperas e operetas europeias também foram estilos de musicais daquela época

que tiveram grande influência no teatro musicado americano. Além desses estilos “fundadores” dos musicais, Lígia cita a técnica Fosse, do coreógrafo Bob Fosse, quem fez Chicago, Cabaret, All the jazz e Sweet Charity. A cultura do teatro musical americano atingiu nosso território brasileiro, com os grandes espetáculos da Broadway, que ainda hoje têm proporções mundiais. O nosso espetáculo em questão tem origem europeia, mas não diferente da maioria dos musicais, foi nos teatros da Broadway que se consagrou: o Cats.

O ESPETÁCULO DO CATS

O musical Cats foi criado em 1981, em Londres, por Andrew Lloyd Webber. O espetáculo original tem 3 horas de duração e só se consagrou como grande sucesso dos musicais quando ficou em cartaz por 18 anos na Broadway. Lloyd Webber musicou poemas do escritor T. S. Elliot sobre gatos e criou um roteiro. A narrativa conta a história de um grupo de gatos, os Gatos Jellicles, que em uma noite especial do ano se encontram em um beco, a Jellicle Ball, para que o líder, o gato mais velho, anuncie quem do bando terá a chance de ir para um lugar chamado Heaviside Layer, onde renascerá em uma nova vida Jellicle. Foram muitas adaptações do musical ao longo dos anos, inclusive a tradução para o Português e a apresentação no Brasil, em São Paulo, como a maioria das peças da Broadway.

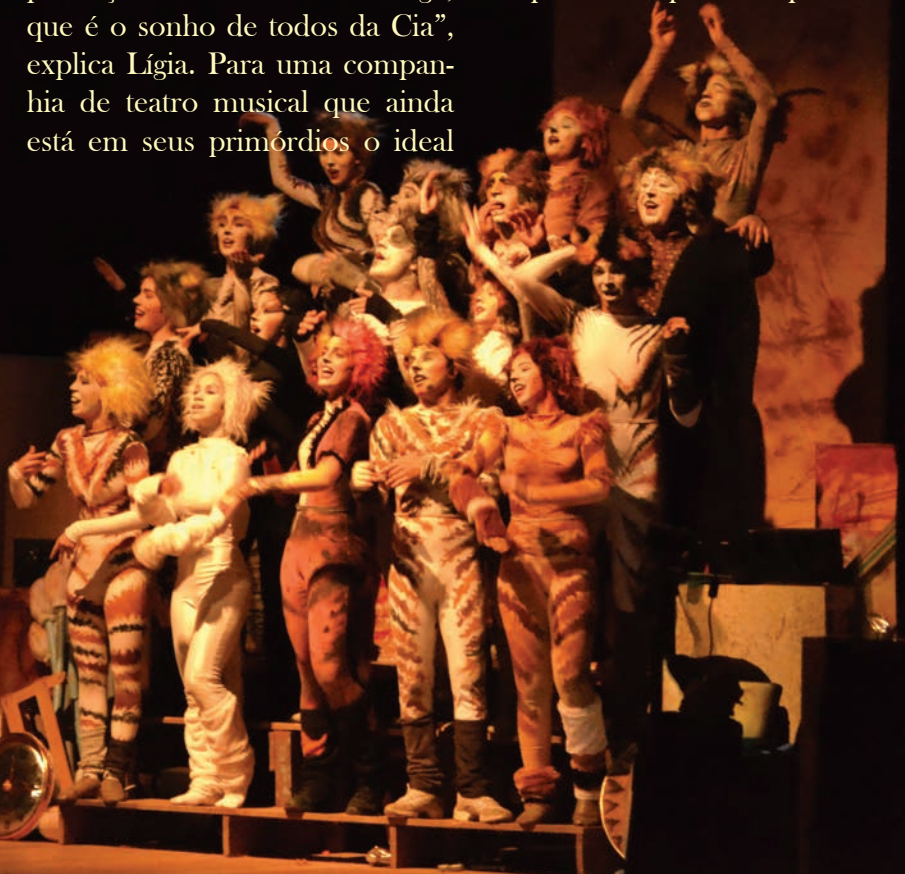
Lígia teve a iniciativa de fazer uma adaptação para São José do Rio Preto, uma cidade do interior de São Paulo, forte na cultura teatral

por causa do FIT (Festival Internacional de Teatro) que acontece todos os anos, mas com pouquíssimo enfoque no teatro musicado. E por que o Cats? Segundo a Lígia, o Cats tem uma das técnicas mais difíceis de desempenhar porque os atores têm que se transformar em gatos e adotar a postura, o modo de caminhar e as feições felinas, além de receberem uma maquiagem especial. Mesmo com essa “dificuldade postural”, o espetáculo do Cats é o mais viável financeiramente. “Não tem troca de cenário, para o nosso teatro daqui de Rio Preto, cenário fixo é o ideal, é quase impossível falar em troca de cenário. Os gastos seriam menores do que em uma produção como o Moulin Rouge, que é o sonho de todos da Cia”, explica Lígia. Para uma companhia de teatro musical que ainda está em seus primórdios o ideal

é trabalhar com o menor número de gastos possíveis, “Cats é uma boa opção se você está começando”, conclui Lígia.

A adaptação de Lígia, feita por ela mesma com ajuda de parte dos integrantes da Cia ao Cubo, tem duração de cerca de uma hora e meia e para Lígia e os demais participantes da companhia, não foi fácil a redução do tempo do espetáculo, pelos detalhes e complexidade da peça. Lígia conta como arrumou essa adaptação: “Eu não conseguia, porque eu assistia o Cats original e pensava que todas as partes eram fundamentais. Só consegui fechar o musical uma semana antes, fui cortando cenas mais tocadas e dançadas e peguei o que era importante para com-

“Cats é uma boa opção se você está começando.”





foi escolhida' para as crianças resolveu tudo! Elas entenderam porque a Grizabella subiu para o céu", exemplifica Lígia. Os adultos são mais críticos, o que exige total profissionalismo dos atores, "para os adultos, quanto mais profissional melhor", comenta Lígia.

O diferencial do Cats da Cia ao Cubo não está só nas adaptações de tempo, de frases inseridas e nas apresentações no interior de São Paulo. A ideia do grupo não é somente trazer os musicais para as cidades do interior, mas também atingir todas as classes sociais e todas as faixas etárias. As grandes apresentações de musicais nas capitais têm um custo muito alto, além da viagem que moradores do interior precisam fazer, "uma família inteira gasta pelo menos uns mil reais para ir até São Paulo assistir um espetáculo, e essa não é a realidade de todos", na opinião de Lígia. Por isso o grupo decidiu montar o espetáculo com um custo mais baixo, com o objetivo de atrair o público de classes sociais mais baixas. "Antes de fecharmos parcerias com colégios particulares, buscamos a rede pública de ensino, para apresentar às crianças das escolas públicas o que são os musicais e trazê-los para o teatro", explica Lígia.

Coreografia

Esta foi a terceira vez em que Lígia trabalhou com o Cats e por isso ela já conhecia de frente para traz e de traz para frente todas as coreografias. "As coreografias eu já sabia, algumas eu acabei refazendo, mas as outras, que são muito marcadas e com movimentos importantes para o espetáculo, a gente só adaptou para deixar um pouco mais fácil", e foi assim que Lígia montou o seu espetáculo felino. Depois da seleção de todo o pessoal, o primeiro passo foi começar a dar base as coreografias e muito alongamento, além da ajuda que recebeu de Bruno para ensinar o "caminhar do gato". Os ensaios começavam com alongamentos e depois Lígia ensinava técnicas utilizadas no pal-

preensão do espetáculo".

Um adulto que assiste sem muita atenção tem dificuldade de compreender o enredo da peça. Para a criança é ainda mais complicado, pois já é naturalmente dispersa. Por isso a preocupação maior, segundo Lígia, foi manter a atenção da criança no espetáculo. Para isso, a Cia decidiu trabalhar com a proximidade do público. O Macavity, o vilão felino, por exemplo, entra pelos fundos da plateia, e coloca frases faladas durante a peça, que não existem no espetáculo original. "A frase 'nossa ela

Consegui fechar o musical uma semana antes. Peguei o que era importante para compreender o espetáculo."

co do Cats, músicas e muitas horas de treino.

Mesmo com algumas adaptações, Lígia explica que o que eles precisavam manter com bastante rigorosidade eram os tempos das músicas, já que todas são marcadas pela respiração, um detalhe muito importante dos musicais. Afinal, não é fácil dançar e cantar ao mesmo tempo sem ofegar. “É impossível, na hora em que o ator está susten-

tando uma nota, executar um salto ou um movimento muito marcado na dança, por isso é importante saber coreografar, adaptar e respeitar a coreografia original nessas situações”, explica Lígia. E outro segredo para cantar e dançar sem demonstrar o cansaço ou a respiração marcada e não tremer a voz durante o espetáculo é nada mais nada menos do que cantar correndo: “A gente corre e canta ao mesmo tempo, mas a postura é importante também, a costela tem que estar sempre armada para não tremer a voz”.

A rotina de ensaios para deixar o espetáculo impecável foi rigorosa: inicialmente três vezes por semana e aos finais de semana, mas nas proximidades da estreia do espetáculo passaram a ser todos os dias, das 19h às 00h e aos finais de semana a tarde ou o dia todo. Para todos os atores, inclusive a própria Lígia, conciliar toda a dedicação ao musical e projetos paralelos, até mesmo o colégio e estudos para vestibular de alguns, foi complicado, e alguns acabaram por abandonar o elenco. Mas os que estavam ali de corpo e alma,



superaram cansaço, e como uma família unida, construíram um espetáculo que agradou 3500 pessoas em São José do Rio Preto, sem falar nas outras cidades da região.

Make Up

Os ensaios para o espetáculo adaptado da Cia ao Cubo não foram só de dança e canto. Em dias específicos o grupo se reunia para aprender, ensaiar e aperfeiçoar a make-up: a maquiagem de gato. Os workshops de make (como chamam), em que pude estar presentes, sempre aconteciam com muito bom-humor, cantorias e uma mostra de que todos ali são verdadeiros artistas.

A maquiagem conhecida como “clown make up” é bem famosa pelo que o próprio nome já diz: clown significa palhaço em inglês. É aquela maquiagem que muito se aparenta com tinta, tem várias cores para fazer uma obra de arte nos rostos, tanto dos palhaços como dos gatos Jellicles do musical. A textura da maquiagem é à base de óleo e ela se fixa na pele

“A gente corre e canta, mas a postura é importante também.”



e não derrete facilmente se bem aplicada.

O cenário deste ensaio eram duas caixas grandes, com rodinhas, cheias de maquiagens, pincéis, esponjas e outros apetrechos usados para maquiar, ou melhor dizendo, pintar obras de artes no rosto. São cerca de 20 potes da maquiagem para dar forma ao elenco felino para os cinco dias de espetáculo. Todo esse material para produção das maquiagens não é encontrado no interior, e quando encontrado tem preços exorbitantes, então Lígia e Bruno compram tudo em São Paulo.

Rostos limpos chegam e em frente ao espelho começam a se transformar com o toque das tintas, esponjas e pincéis, já devidamente compartilhados e distribuídos. Bruno Cavalcante, ator, dançarino, maquiador profissional e que faz parte da Cia ao Cubo, junto com a Lígia, davam as orientações e todos seguiam as instruções dos “professores”.

O processo de maquiagem é longo e começam com a missão de esconder as sobrancelhas: os atores aplicam cola e por cima uma camada de massa, a mesma massa usada para simulação de cicatrizes no teatro, no cinema ou em novelas. O próximo passo da make



é uma base branca, devidamente espalhada com esponjinhas. Depois, surgem os degradês de diversas cores, da cor da pele ao laranja, do marrom à cor de rosa, de acordo com a maquiagem de cada gato. Os toques suaves das esponjas vão dando forma, lentamente, às bases dos rostos dos gatos, e a transformação se inicia.

Terminadas as bases, é hora de selar. “Terminei, passa o selante”, “Bruno, acabei, hora de selar”, “Já posso selar? Está certo?”, esse é o burburinho depois de alguns minutos, ou até horas. Para selar a base da maquiagem não tem segredo algum, eles usam talco, que uniformiza a pele com a maquiagem e fixa a base de óleo.

A concentração aumenta para tra-

çar as linhas que dão forma a cada gato. Dessa vez, o que os orienta são as fotos de seus personagens felinos. Rostos humanos se transformam em gatos depois de três horas de transformação. Gatos lindamente trabalhados em cores e formas. O que impressiona também, além da transformação em si, é a simetria que eles conseguem obter com os pinceis. Segundo Lígia, o ideal é que esse tempo seja reduzido, já que nos dias de espetáculo as sessões são cedo. Depois da maquiagem, vem o figurino, e assim surgem os “Jellicle Cats” por completo.

Figurino

Para o figurino macacões de cot-



ton brancos pintados à mão com tinta de tecido. Os macacões fo

ram feitos pela costureira Ana Flávia Pa-
glioni e a pintura? Por algum pintor famoso, artista
plástico? Não. Foram os próprios atores da Cia ao
Cubo que pintaram todo o figurino. De início foi a
Lígia, com a ajuda da portuguesa Lúcia Bento. Elas
começaram a pintar os macacões mais difíceis em no-
vembro de 2012, mas o tempo foi passando e todo
mundo colocou a mão na massa.

O segredo era vestir o macacão em quem fosse usá-lo
e pintar, como se fosse uma tela em formato de cor-
po humano. Esta é a forma ideal? Não também. Mes-
mo com o resultado impressionantemente perfeito, a
tinta de tecido ao longo do tempo desbota e precisa
de retoque. O ideal, segundo Lígia, é fazer a arte de
cada macacão e cilar, mas, para uma companhia que
está começando, este processo de ciletagem é muito
caro e inviável. “O pessoal se descobriu verdadeiros
artistas, se saíram muito bem pintando seus maca-
cões. Eu pinte os mais difíceis, porque já conhecia
o desenho de cada gato, mas os outros, todo mundo
ajudou”, conta Lígia.

Além dos macacões minuciosamente pintados, os
atores também precisavam de suas cabeças felinas
para compor o figurino. O material utilizado foi teci-
do que se parece com uma pelagem e, assim como os
macacões, brancos. Inicialmente pintaram com tinta
de tecido, o que não deu certo, porque a tinta de te-
cido acabou grudando os pelos. A saída foi refazer
todas as cabeças utilizando anilina a álcool. Pintados
os tecidos, dobra daqui, dobra dali, cola em espuma,
faz a orelha e a cabeça está pronta.

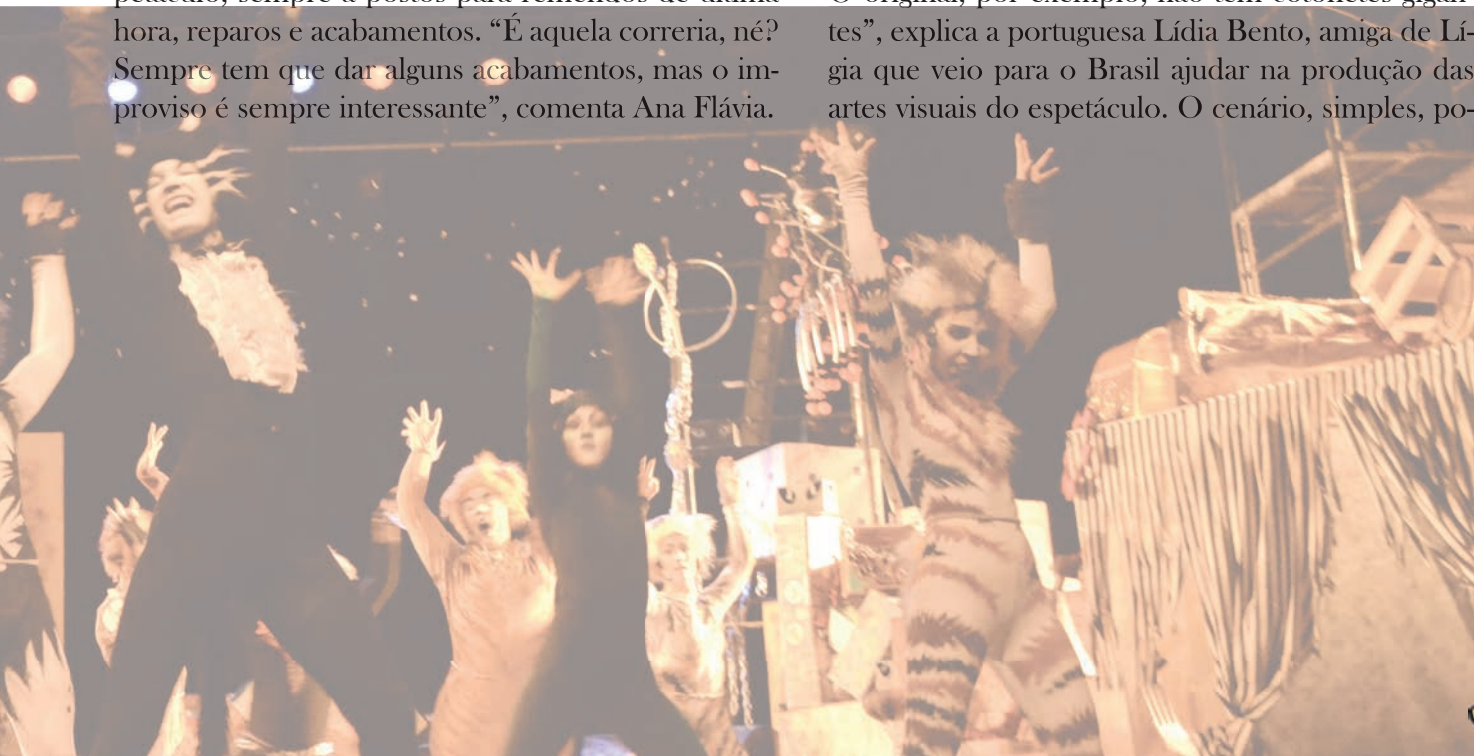
Ana Flávia, além de arranjar os macacões fazia par-
te dos bastidores de todos os dias de sessões do es-
petáculo, sempre a postos para remendos de última
hora, reparos e acabamentos. “É aquela correria, né?
Sempre tem que dar alguns acabamentos, mas o im-
proviso é sempre interessante”, comenta Ana Flávia.



O tempo para a conclusão de todo o figurino do
musical *Cats*, se feito sem correria e de forma orga-
nizada, segundo a Lígia e a Ana Flávia, é de dois a
três meses no máximo. Mas, mais uma vez, a ques-
tão da Cia ao Cubo estar dando os seus primeiros
passos, o processo foi um pouco mais demorado
e alguns macacões acabaram sendo finalizados no
primeiro dia do espetáculo, conta o pessoal do gru-
po.

Cenário

A ideia do grupo era um cenário sem rigor de seme-
lhança com o cenário original. “Não tem como ficar
idêntico. Fizemos o nosso cenário com materiais
que compramos, ganhamos e até mesmo fizemos.
O original, por exemplo, não tem cotonetes gigan-
tes”, explica a portuguesa Lúcia Bento, amiga de Lí-
gia que veio para o Brasil ajudar na produção das
artes visuais do espetáculo. O cenário, simples, po-





rém bem montado, é composto por muitas caixas, guarda-chuva, rodas de bicicleta e inclui também coisas gigantes, como um chinelo, caixa de suco e os tais cotonetes citados por Lídia.

Para formar o elenco de Cats, foram feitas audições com os interessados em participar do grupo. Segundo Lídia, esse é o processo mais difícil e demorado, porque não é fácil encontrar pessoas apropriadas e que tenham alguma base de musical. “Na verdade, eu aceitei quase todo mundo. Aqui no interior é quase impossível encontrar bailarinos cantores, então se a pessoa dançava ou cantava, já estava dentro.

Afinal, a nossa proposta é ‘se você sabe uma coisa, venha aprender o que você não sabe com a gente’”, conta Lídia.

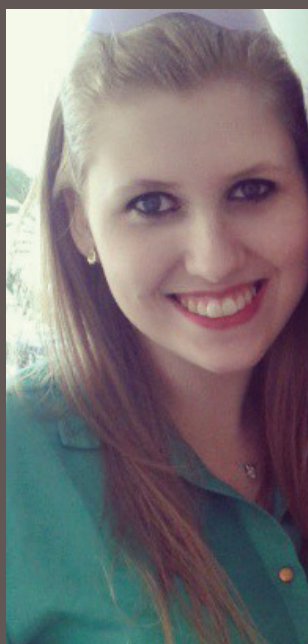
Após longos meses de seleção se formou o elenco que iria participar oficialmente da peça. Ao todo 20 pessoas. Dentre elas, grande parte descobriu seus talentos ali, na Cia ao Cubo, ensaiando, cantando, dançando e aprendendo com os que já conheciam o musical. O que deixa o grupo ainda mais interessante é isso, a vontade de cada um de aprender, superar suas dificuldades e se descobrir para estar em um musical tão incrível como o Cats.

JELLCLE CATS



Ana Lígia Rufino interpretou a gata Jemima e a gata branca Victoria. Ana Lígia tem 27 anos, dança há mais de 15 anos e é bailarina profissional, fez parte do ballet da cidade de São José do Rio Preto e depois entrou para a Cia ao Cubo. Começou a cantar na igreja há 10 anos e sempre teve vontade de participar de um musical. No Cats ela viu a primeira oportunidade em Rio Preto. Além de cantora e bailarina, Ana é fisioterapeuta e atende o time de vôlei do Rio Preto além de trabalhar numa academia. Para ela conciliar os trabalhos com os ensaios do Cats foi tranquilo, apesar da rotina puxada de trabalhar durante o dia e ensaiar a noite. Sobre a produção e a maquiagem, Ana comenta que já havia trabalhado em outra companhia de teatro com maquiagem artística, mas nunca tinha feito sozinha. “Achei bem difícil aprender, tem algumas coisas que ainda não sei fazer, mas foi bem legal porque fui aprendendo aos poucos”, finaliza.

Arthur Tornelli Lucas interpreta um dos gatos gêmeos. Tem 23 anos e dança desde os 20. Trabalha em uma companhia de entretenimento e produções artísticas de Rio Preto, e foi convidado a participar da Cia ao Cubo após uma oficina de canto, onde conheceu a Lígia. Arthur também canta, mas segundo ele “é canto de chuveiro, nunca fiz aula nem uma preparação específica”. Além de cantar e dançar Arthur é estudante do último ano do curso de tradução na Unesp, e conta que foi difícil conciliar trabalho, estudos e ensaios: “é uma loucura, porque eu trabalho, estudo e integro dois núcleos de performance”.



Audrey Sarraceni tem 20 anos e interpreta a gata Electra. Audrey está cursando a faculdade e não entrou na Cia ao Cubo desde o começo. Faltando um mês para o espetáculo, Lígia a convidou para integrar o elenco e ela aceitou. “A rotina de ensaios, ainda mais para mim e algumas outras pessoas que entraram tarde, foi bem intensa. Foi corrido pegar todas as coreografias”, conta. A maquiagem foi novidade para Audrey, assim como para algumas pessoas e foi no primeiro workshop de maquiagem artística que ela conseguiu fazer uma gata. “O que achei mais difícil foi a simetria, fiquei pensando para deixar os dois lados o mais parecido possível”, comenta Audrey sobre sua dificuldade.

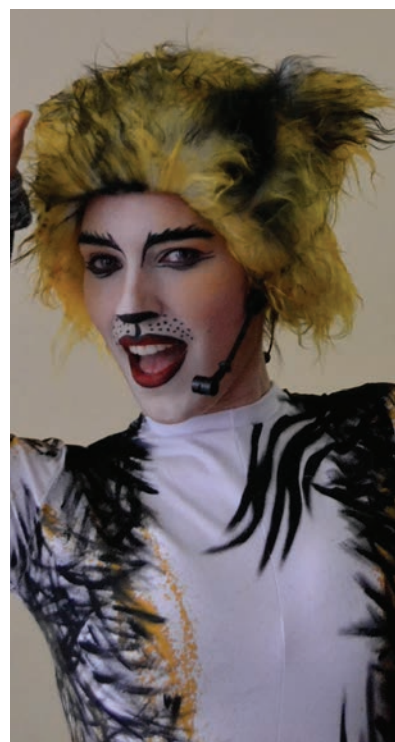
Thiago Vecchiado Vasques tem 33 anos. Interpreta o gato rockeiro Ron Ron Rock e faz muito sucesso principalmente com o público infantil. Thiago é formado em canto pelo Instituto Musical Villa Lobos em São José do Rio Preto, é gerente de organização escolar e intérprete de libras na televisão. Já havia trabalhado em outro musical voltado para crianças, mas a dança representou uma grande novidade para o cantor: “eu tive muita dificuldade para aprender a dançar, então o processo foi lento, mas eu aprendi todas as coreografias, fiz um intensivo, tipo aulas ‘vip’, para aprender tudo”. Thiago escreveu os textos para o espetáculo, mantendo o seu enredo, mas para facilitar a compreensão, principalmente das crianças. Conta que a narração dos espetáculos durante o dia é diferente dos da noite. “Para as crianças é preciso ser mais próximo, mais explicativo e expansivo, para os adultos depende da reação que eles têm da primeira música, eu continuo o espetáculo mais engraçado ou mais rígido”, explica Thiago.





Clarissa Maria Freitas interpreta a gata dos irmãos gêmeos e também a Grizabella, a gata mais velha. Tem 21 anos, começou fazer teatro e dança aos 14 anos e o Cats foi a primeira experiência que teve com canto e segundo Clarissa, foi muito difícil se adaptar ao estilo: “eu não fazia ideia das visões de vozes e de tanta técnica que precisa para fazer movimento de corpo e voz ao mesmo tempo”. Clarissa, que já trabalha com teatro em outra companhia, conheceu a Cia ao Cubo por meio de seu namorado Bruno Cavalcante, o Macavity, e entrou para o grupo em julho de 2013, um mês antes do espetáculo. “Foi bem corrido, né? A gente já tem um ritmo de preparação corporal, mas mesmo assim foi complicado”, conta Clarissa sobre sua entrada tardia para a companhia.

Maitane Mathias tem 28 anos, interpreta a sensual gata Demeter e é uma das pessoas que se descobriu no musical Cats. Maitane trabalha com importação, fez faculdade de Relações Internacionais e nunca havia se apresentado em um palco. “As únicas vezes que me apresentei em público antes foi em vídeos no Youtube, tocando violão e cantando e no teste para o espetáculo”, conta Maitane. A Cia ao Cubo precisava de uma voz suave no espetáculo, e, indicada para o papel pelo seu professor de canto, Maitane fez os testes e começou a fazer parte da companhia. A dança também se tratou de uma grande descoberta, segundo Maitane, ela nunca tinha dançado e enfrentou dificuldades não só para aprender a cantar e dançar ao mesmo tempo, como também para quebrar as barreiras da timidez: “eu nem sei como consigo fazer, porque para cantar eu já era extremamente tímida e não cantava na frente de ninguém, nem para a família eu conseguia cantar. Foi difícil, mas como também tinham outras pessoas inexperientes, me senti mais a vontade”.



Fernando Souza tem 22 anos, seu gato é o Augustus. Fernando diz estar no meio artístico desde o berço, começou trabalhando com canto, depois teatro e agora sua especialidade é a dança: bailarino clássico profissional, ele dá aulas de ballet. Trabalha para outras duas companhias, uma de ballet clássico em São José do Rio Preto e outra em São Paulo, por isso Fernando entrou para a Cia ao Cubo exclusivamente para o Cats. Fernando conta que a correria para ele foi bem grande: “na semana em que o Cats estava em cartaz, eu estava também com mais dois espetáculos acontecendo em Rio Preto. Corri com todos os ensaios,

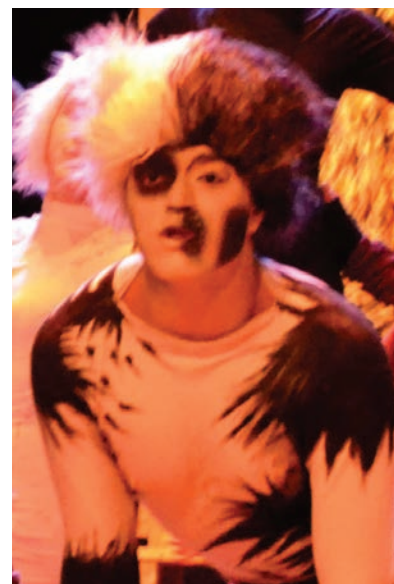
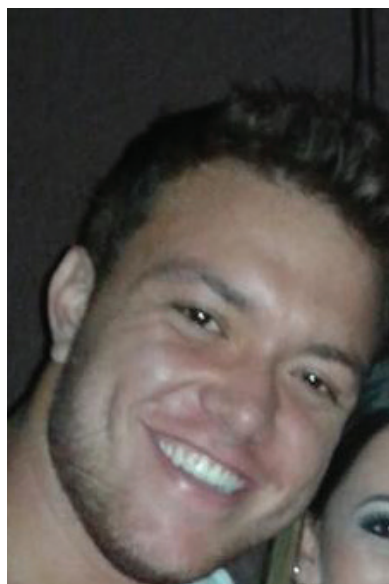


Marcel Azevedo tem 27 anos e seu personagem é o gato Munkustrap. Marcel é de Catanduva e se mudou para São José do Rio Preto para fazer parte do espetáculo. Canta desde adolescente e não esperava fazer parte do elenco como protagonista: “fiz o teste para Pit Singer (cantaria por trás do palco), mas o pessoal gostou e acabei me tornando protagonista”. Marcel já pensava em trabalhar com musicais, fez cursos em São Paulo voltados para o teatro musicalizado, mas a primeira oportunidade na região que teve foi no Cats. “O Cats, como tem muita dança e eu sou mais voltado para o canto, foi um musical que eu nunca imaginei fazer, mas me chamaram, eu entrei e curti o elenco e toda a produção”, conta Marcel. Assim como Maitane nunca havia se apresentado no teatro e sobre a diferença de públicos, Marcel fala da ansiedade e da reação do público: “as crianças aceitam o espetáculo de maneira diferente, olham encantadas. Os adultos, à noite, são um pessoal mais crítico, mais atento aos detalhes, quando aplaudem, aplaudem porque realmente gostaram”.

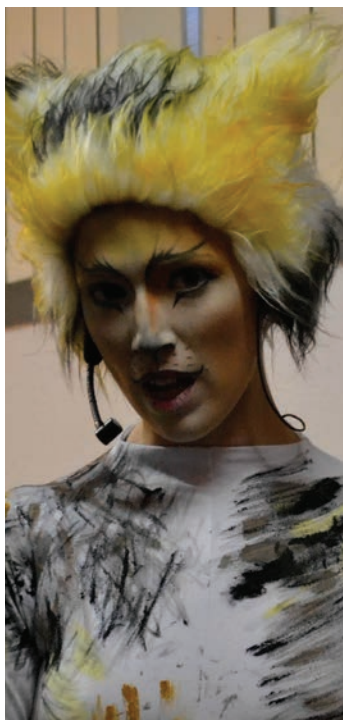
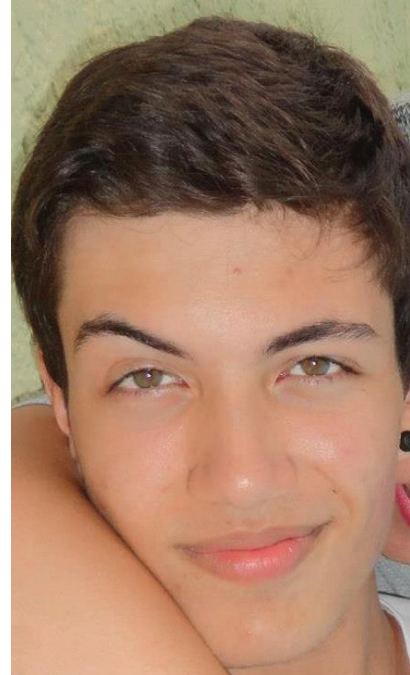


Beatriz Magano interpreta a Cassandra, a gata egípcia. Tem 18 anos e entrou na Cia ao Cubo em novembro de 2012. Bia, como é chamada, conheceu a companhia por meio de João Pedro, o Mestre dos Mágicos do espetáculo. Eles faziam teatro juntos e quando João entrou para a companhia, convidou a Bia e ela o acompanhou e ficou. Bia conciliou ensaios do musical com vestibular e cursinho pré-vestibular. No começo de 2013 não conseguiu conciliar o cursinho e o teatro, então se dedicou somente ao teatro e conta que para ela “foi uma delícia”. “Os ensaios eram muito legais, tinha ensaio todo dia, o que nos uniu muito e foi muito bom! Minha mãe sempre me pergunta, por que não largo do teatro, e eu até já tentei, mas eu não consigo, eu amo muito isso tudo!”, conta Bia.

Lucas Ezequiel tem 20 anos, interpreta o gato Alonzo. Começou seus trabalhos no ramo artístico com o teatro e canto na Igreja. Para trabalhar em uma companhia de performances, precisou aprender a dançar, além de atuar. A participação no Cats foi o primeiro trabalho em musical de Lucas e segundo ele não constituiu uma tarefa fácil: “o canto, não foi o maior problema, mas dançar foi complicado, pois não tenho base nenhuma de dança. Misturar os dois foi difícil”. Mesmo com as dificuldades enfrentadas, Lucas afirma que pretende continuar: “o musical me deu maior amplitude para executar o meu trabalho em tudo, canto e dança. Então pretendo seguir com essa vertente”.



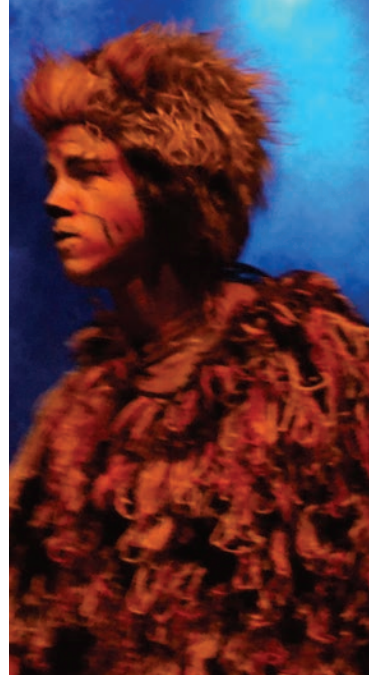
João Pedro Dorce tem 18 anos, seu personagem é o gato Mestre dos Mágicos. Se formou no último ano do colegial em 2013, faz curso de teatro e é professor de capoeira. João nunca tinha trabalhado com musicais: “comecei a cantar e dançar por conta da Cia ao Cubo. A dança eu tenho mais facilidade por causa da capoeira, mas cantar eu era muito desafinado e até fico orgulhoso de mim mesmo pelo meu avanço”. Começou a fazer parte do elenco de Cats logo no começo da Cia ao Cubo, uma amiga comentou sobre as audições e João Pedro, apaixonado pelo Cats tentou e passou. A dedicação para o espetáculo foi grande, assistindo e reassistindo inúmeras vezes o filme da Broadway para aprender: “a gente costuma brincar que sou um ‘Jellicle viciado’. Estraguei o meu DVD de tanto assisti-lo”, conta João.



Lídia Bento tem 27 anos e seu personagem é a gata Jellylorum. Lídia nasceu e cresceu em Luxemburgo, mas sempre convivendo com a cultura portuguesa de sua família. Com 20 anos se mudou para Lisboa e estudou na faculdade de Belas Artes onde conheceu Lúcia. Veio para o Brasil, ajudar a Lúcia com o espetáculo, trabalhando na parte artística de figurino e cenário, mas acabou fazendo parte do elenco sem nunca ter cantado ou dançado em sua vida. “A experiência de cantar e dançar pela primeira vez, em um novo país foi uma aventura. Eu vim para uma coisa e acabei fazendo outra, foi uma descoberta muito grande. Acabou acontecendo espontaneamente porque a Lúcia me incentivou muito”, conta Lídia e ainda afirma que pretende continuar nos palcos com os teatros musicais. “É muito gostoso, me fez muito bem, eu mudei muito com esse espetáculo”, afirma a portuguesa.

Carolina Finimundi tem 18 anos, interpretou a gata Victoria em algumas sessões, mas sua gata é a Jemima. Conciliou ensaios para o espetáculo com o terceiro colegial e as provas de vestibular para o curso de artes cênicas. Dança desde os seis anos de idade e começou a cantar com 12. No espetáculo, a gata Victoria faz um solo de dança e a gata Jemima, um solo de canto, por isso Carol, como é chamada, pôde mostrar seus dois talentos com dois personagens diferentes. Carol entrou para a Cia logo no começo, por meio da divulgação feita das audições. “Quando fiquei sabendo do projeto do musical Cats, fiquei louca de vontade de participar, fui ver como era, adorei, fiz os testes e passei”, conta Carol sobre seu ingresso na Cia.





Renato Anzar tem 31 anos, seu personagem é o líder dos Jellicle Cats, o gato mais velho, o Velho Jerônimo. Cursa faculdade de fisioterapia e faz trabalhos artísticos como o Cats. No musical, Renato interpreta um gato mais velho, com poucos passos de dança, mas com especialidade no canto. “Eu costumo cantar bem melhor do que dançar, é o meu foco. Mas de forma geral a gente tenta aprender tudo aqui no grupo”, comenta Renato. Por causa da timidez, Renato começou a estudar canto um ano e meio antes da estreia do espetáculo. Na escola onde estudava teve acesso ao musical da Cia ao Cubo. Indicado para Lígia, fez a audição e passou. Além da timidez, outra dificuldade enfrentada foi a elaboração da maquiagem: “no começo eu demorava três horas, errava, tirava, começava tudo de novo. Mas depois, com muita prática, o tempo de produção é reduzido e você acaba pegando o jeito”, conta.

Emília Rodrigues Aydar é a mãe de Lígia, a mão direita da Cia ao Cubo e interpreta a gata Exótica nas sessões noturnas do espetáculo. Aposentada, Emília apoiou Lígia com todos os detalhes da produção do Cats, desde figurino, até a venda de convites no teatro durante os ensaios. Nos dias de espetáculo, Emília passava o dia todo no guichê do teatro reservando e vendendo convites e à noite, se transformava em gata para constituir parte do elenco no palco. Emília conta que se encantou com uma apresentação de um grupo de Rio Preto em que Lígia fazia parte e decidiu participar também: “eu vi que tinha gente de todas as idades, mais velhas, mais novas, então decidi participar. Dancei nesse grupo por 6 anos, mas parei e agora voltei com o Cats”.



Mayara Martinelli tem 24 anos e interpreta a gata Gumbie, a Jane Bordadeira. Além da participação na Cia ao Cubo, Mayara dá aulas de música no Projeto Guri, em Neves Paulista, interior de São Paulo. Começou a cantar com 11 anos no coral infantil e desde então não parou mais de trabalhar com música. Entrou para a companhia em setembro de 2012 e viajava sempre de Neves Paulista a Rio Preto para ensaios do espetáculo: “eu ia para Rio Preto com o ônibus da prefeitura de Neves, que levava os estudantes das escolas, chegava às sete da manhã e voltava para casa às 23 horas”. Foi a primeira vez em que Mayara participou de um teatro musical, que segundo ela é um sonho de qualquer pessoa que canta, dança e faz teatro. “Eu gosto muito de me apresentar no palco e interagir com o público. Fazer um musical, pegar um personagem cômico como o meu, que posso ter essa interação com o público toda hora é um sonho realizado mesmo”, finaliza Mayara.



Projetos futuros

Lígia tem como próximo projeto para a Cia ao Cubo um espetáculo musical infantil criado por ela mesma e colegas da faculdade. A peça chamada “O Imperador da Lua”, é um espetáculo lúdico que conta a história de um homem, que tem uma vida sem graça como caixeiro viajante na Terra, mas que quando viaja para a Lua se torna um Imperador muito adorador.

O projeto do “Imperador da Lua” foi trabalhado por Lígia em Portugal, onde ela se dedicou à produção dos detalhes do espetáculo. “Fiz desenvolvimento de figurino, cenário, fiz protótipo do dragão da lunar e voltei apaixonada pelo projeto. Falei ‘gente, isso tem que sair’, e vamos fazer”, conta Lígia.

Além desse projeto de autoria própria, Lígia pretende trabalhar com o Mágico de Oz, outro espetáculo já conhecido e voltado para dois públicos. “A ideia é essa, sempre trabalhar com dois espetáculos, um de autoria nossa e outro comercial, que as pessoas conhecem, para mostrarmos o nosso trabalho”, explica.

CURIOSIDADES JELICLES

Cats esteve em cartaz por 21 anos no New London Theatre. Foi o segundo espetáculo mais tempo em cartaz, perdendo só para o “Fantasma da Ópera”.

A música “Memory”, a mais famosa do musical, já foi gravada por mais de 170 artistas, dentre elas Elaine Paige e Barbra Streisand.

Foram mais de 30 prêmios, dentre eles contam-se sete Tony Awards e um Grammy.

Cats é um dos poucos musicais que precisam de Pit Singers (cantores que ajudam o coro da peça), já que sua coreografia e música são muito complicados.

No Brasil, o musical teve sua estreia em São Paulo, no período de 09 a 27 de agosto de 2006 e no Rio de Janeiro de 30 de agosto a 03 de setembro de 2006. Voltou aos teatros brasileiros em 2010.